

Fábio Mendes

The Cachorro Manco Show

Texto vencedor da 2.^a Edição do
Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva
Instituído pelo Instituto Camões e pela Funarte

AUTOR:

Fábio Mendes

TÍTULO:

The Cachorro Manco Show

© 2008 Fábio Mendes

Todos os direitos reservados

Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113

1150-279 Lisboa

Tel.: 21 310 9100

Fax: 21 314 3987

Correio electrónico: icgeral@instituto-camoes.pt

<http://www.instituto-camoes.pt>

Produção editorial e projecto gráfico:

Instituto Camões

Impressão:

Gráfica Expansão – Artes Gráficas, Lda.

Rua de S. Tomé, n.º 23 – A

2685-427 Prior Velho

Tel.: 21 942 7880

Fax: 21 942 4314

info@graficaexpansao.com

Tiragem:

200

The Cachorro Manco Show

Fábio Mendes



Lisboa – 2008

Instituto Camões

SIMONETTA LUZ AFONSO
Presidente

Fundação Nacional de Artes

CELSO FRATESCHI
Presidente

Direcção Geral das Artes

JORGE BARRETO XAVIER
Director Geral

Teatro Nacional D. Maria II

MARIA JOÃO BRILHANTE
Presidente do Conselho de Administração

Fábio Mendes
Argumentista / realizador

Neto de portugueses, nasceu em São Paulo no dia 28 de Agosto de 1976. Vencedor do Concurso de Desenvolvimento de Argumentos de Longa-Metragem da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (com “flyer”) e do Prémio Funarte de Dramaturgia 2004, na categoria infanto-juvenil (com “blog de menino”), Fábio Mendes é argumentista e realizador multimédia.

Desenvolve o seu trabalho nas áreas do cinema, teatro, televisão, internet e telemóveis.

Em 2006 obteve a cidadania portuguesa.

Estudou na Fundação Getúlio Vargas e na USP (curso de Letras).

Enquanto actor - durante 10 anos - actuou nas mais prestigiadas companhias de teatro do Brasil, designadamente no Grupo Macunaíma de Antunes Filho e Cia. e na Ópera Seca, de Gerald Thomas, fazendo apresentações no Brasil, E.U.A. e Espanha. No Centro de Pesquisa Teatral de Antunes Filho, fez o curso de método de actor e participou do Círculo de Dramaturgia.

“Um homem chamado Lee” foi a sua estreia como autor de teatro, ao lado de Rodrigo Pitta.

Trabalha na adaptação para uma série de TV, de 13 episódios, da sua peça infanto-juvenil “blog de menino”.

Fez parte da equipe de criação da série de ficção “Alice” produzida pela Gullane Filmes para o canal HBO.

Escreveu um argumento de longa-metragem, numa versão contemporânea, do clássico “Henrique IV” de William Shakespeare.

No âmbito do projecto “Cinema para quem quer Cinema”, uma parceria da Magno Filmes, ONU, TV Cultura e da Secretaria de Educação, através do qual jovens da rede Estadual receberam formação em Cinema e filmaram curtas-metragens digitais, coordenou mais de 40 realizações.

Como realizador, dirigiu a curta-metragem “Magenta”, de sua autoria.

Criou, escreveu o argumento, dirigiu e produziu, a série de Internet “The Messenger” de 5 episódios onde, através de um docdrama, tendo em vista o mercado americano, conta a história de Chico Xavier.

Em 2009, filmará “flyer”, a sua primeira longa-metragem.

O teatro, enquanto arte que privilegia a palavra em acção, tem-se constituído como fundamental na divulgação da língua. Através dele as palavras ganham corpo, desprendem-se das páginas impressas que as sustentam e materializam-se no palco que continua a garantir, num mundo cada vez mais mediado, a possibilidade de uma relação num tempo verdadeiramente real que se constitui, ainda, como o mais eficaz no estabelecimento do encontro entre os seres humanos. Em 2006, no contexto de um amplo protocolo de colaboração assinado entre o Instituto Camões e a Fundação Nacional de Arte do Brasil (Funarte), foi promovido o lançamento do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva.

Este Galardão - que se constituiu desde logo como a maior iniciativa do género no contexto da dramaturgia dos dois países - destina-se a premiar textos teatrais inéditos de todos os géneros dramáticos podendo a ele concorrer cidadãos portugueses e brasileiros.

Com um valor monetário de 15.000,00€ o Prémio comporta ainda a edição em Portugal e no Brasil do texto premiado e a apresentação nos dois países da sua representação teatral, numa iniciativa da Funarte, Teatro Nacional de D. Maria II e Direcção-Geral das Artes – parceiros desta iniciativa desde a primeira hora.

O sucesso da 1ª edição (que teve como vencedora a peça “A Minha Mulher” de José Maria Vieira Mendes”) justificou a continuidade da iniciativa que, com os mesmos parceiros procurará, agora, dar a conhecer o jovem autor brasileiro Fábio Mendes que, com a peça “The cachorro manco show” foi o vencedor da 2ª edição do Prémio.

Para esta edição, e no âmbito das comemorações dos 400 anos do seu nascimento, lançámos aos concorrentes o desafio de terem como fonte inspiradora a vida e obra do Padre António Vieira (1608-1697), figura ímpar da cultura dos dois países e que nos deixou um vastíssimo legado que continua a constituir importantíssima matéria de reflexão. Embora este enquadramento temático não tivesse como objectivo condicionar a liberdade criativa, a peça que agora se apresenta foi uma das que foi

buscar inspiração à vida e obra do padre jesuíta. Nela podemos ler (ver!) a angústia do homem enquanto construtor de um futuro social no qual procura inscrever-se de forma plena. Mas, tal como diz o autor “Para prever o futuro basta examinar as causas e efeitos na experiência passada e presente”. Seguimos este princípio e, pela nossa parte enquanto instituição, procuramos através da escrita e do teatro dar o nosso contributo para um melhor conhecimento da realidade teatral dos dois países, envolvendo nesta iniciativa não só os diversos agentes artísticos falantes da língua portuguesa mas, também, todo um vasto potencial de novos leitores e espectadores que, por via do teatro, poderão experimentar novas formas de entendimento dos sempre dinâmicos contextos culturais em que a língua portuguesa prevalece enquanto forma primordial de comunicação.

Simonetta Luz Afonso

Paródia de um Padre Glorioso e Malgrado

Um mendigo transita num labirinto de causalidades indecifráveis. Seu discurso é de perplexidade. A voz do sermão é a verdade; a do Mendigo é a paródia. O sermão é exemplar porque nele se apresenta a verdade metafísica que serve como modelo moral. A paródia promove inadequação forma/conteúdo — choque entre os termos. O pensamento amplia-se e põe em causa o conhecimento, numa eclosão da estranheza que desloca o sentido para indagar sobre a permanência do que se julgava saber. Nas balizas do discurso sacramental, Deus está presente em cada mínimo aspecto da Criação. Assim Vieira em *The Cachorro Manco Show*. Sua incompleta História do futuro projecta-se na imagem fragmentada com a qual o Brasil se mostra ao olhar do Mendigo que, em frente à Catedral da Sé, contempla e parodia a figura do Padre, citando trechos dos Sermões. Por estes meios, satirizam-se as resultantes do projecto de nação do jesuíta – liberdade para índios, negros, judeus, portugueses e holandeses às voltas com disputas e inquisições.

No lugar da igreja, que materializa o corpo colectivo pela consagração mística, a praça e a atomização da cidade. Para Vieira, a história, com suas contingências, representa a Providência. O fato é mensagem de Deus; o real é físico e metafísico; o presente é o eterno posto em ato, recortado da infinitude imaterial para assumir uma forma finita. Para prever o futuro basta examinar as causas e efeitos na experiência passada e presente. O sermão resulta da leitura dos sinais divinos, com a finalidade de corrigir as acções humanas e não para especular sobre o Ser. Ele usa da analogia para persuadir sobre a unidade de Deus, aquele que garante a reunião da multiplicidade.

A paródia despe as coisas de seus fundamentos e exalta a autonomia dos objectos – pura heresia. O sermão trata do reto e do verdadeiro – o retórico é belo. A perfeição representa-se pelo ornato. O cachorro – Vieira feito mendigo – é imperfeito e apegado ao logro, do qual é vítima. Desiludido com o humanismo, não tem a esperança de deter os passantes: prega a céu aberto, pondo em causa os conceitos, aderindo à deformidade, ao inconveniente, ao indecoroso para desdenhar a dignidade e festejar o cómico. Se lhe vier o aplauso, será pelo paroxismo da desrazão: ruptura dos elos discursivos, descontinuidade entre os homens e com Deus. Disjuntividade de consequências políticas e teatrais: a cena clássica e barroca, plasmada sobre o rei que a ela assiste e para a qual é fundamento, desfaz-se na falência dos projectos do Quinto Império propugnado por Vieira.

A cena contemporânea, na pulverização das narrativas, interroga sobre o que não se efectuou mas nos tornou o que somos – portugueses saudosos, brasileiros sempre a indagar sobre os abismos entre os projectos, os trajectos, os dejectos. O grande teatro do mundo é, hoje, um show. Nesta herança barroca, o Mendigo – o Sem-Nome, o Sem-Forma, gira demoniacamente a Roda da Fortuna em glória e miséria, remetendo à múltipla origem da qual Vieira é parte e identidade mutante: Ulisses, Colombo, Cabral – navegantes míticos e náufragos. “Civilização vira-lata”, como queria Nelson Rodrigues. Sobre esta prolífica não-identidade, Fábio Mendes entoa o seu hino de amor.

CARMEM GADELHA

Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia

António José da Silva

Membro do Júri

“Uma terrível palavra
que sempre é serpente,
sempre morde,
sempre fere,
sempre leva o veneno consigo,
sempre amarga,
sempre é feio,
sempre é de ferro”

SERMÕES

PADRE ANTÔNIO VIEIRA

The Cachorro Manco Show

Personagem

HOMEM

Os textos em *itálico/negrito* foram retirados de Sermões de Padre Antônio Vieira.

Ato Único

O palco está às escuras. Dessa escuridão, percebemos um homem, ainda deitado, começando a se movimentar, vagarosamente.

Pausa breve. Um homem deficiente deitado. Parece um velho mendigo. Duas muletas funcionam como prolongamento de seus braços. Tem, no seu pé esquerdo, botinha quadrada preta, de solado grande. Sua perna direita está imobilizada. Parece que seu pé, deficiente, está pendurado dentro da meia. O palco começa a se iluminar, a partir de um foco principal, posicionado bem acima do homem.

Vemos um pedestal gigante com um microfone grande, com fio. Bem acima da proporção. Com dificuldade, o mendigo se levanta e, mancando, caminha em direção ao grande microfone. Parece que quer falar algo. Ele é de meia-idade; é ou está ficando grisalho; rosto branco, enrugado. O sobretudo está desabotoado, com o colarinho levantado nas costas; é cinza-escuro, feito de um material felpudo pesado; pode ter sido um bom casaco, mas agora estava surrado, manchado, dormido.

O sobretudo está rasgado atrás e forma algo parecido com um rabo de pano. Sob o sobretudo ele veste um velho moletom puído pelo uso e uma calça de terno de outro conjunto; o sobretudo está justo nos ombros; mangas e pernas muito curtas. Uma camisa branca suja. Uma gravata amassada. Meias vermelhas chamativas. Tem uma mancha de sujeira no olho esquerdo e

outra na ponta do nariz. Levanta, chega bem perto do pedestal, tenta levantar uma das pernas, e cai. Levanta novamente, um pouco mais rápido, anda em direção ao pedestal, tenta levantar uma das pernas, e cai. Levanta, e cai. Levanta e cai. Repetidamente. Se apóia com mais força nas muletas e consegue ficar bem próximo ao pedestal. Levanta bem pouco a perna direita, se equilibra, e começa a fazer xixi nas calças. Uma pequena poça vai se formando embaixo dele. Fala, bem perto do microfone.

Homem

Ahhhhhhhhhhhh. Um cachorro manco foi mijar, caiu!
(Pausa. Sorri, como se fizesse uma piada em um show.
Trilha: som de prato de bateria.)

Se não pode comer, nem fuder, então mijar em cima!
(Pausa. Sorri, como se fizesse uma piada em um show.
Trilha: som de prato de bateria. Acaba de mijar.)

Agora sim. Agora sim. Agora sim. Vamo lá, vamo lá, vamo lá!
Sorria! Isso, sorria!
(Começa a “mexer o rabo”, conforme suas próprias indicações.)

Mais, mais, mais. Isso, volta. Já tá implorando. Assim, assim.
Mantém, mantém. Mantém.
(Vai acalmando, dorme sorrindo.)

Mantém, mantém. Mantém...
(Cochila sorrindo. Respira ofegante. Começa a ter pesadelos.
Ganidos leves. Fala dormindo.)

Não. Não! Mata eu, São Paulo! Eu não quero morrer de fome! Sai daqui, sai daqui. Me deixa dormir em paz. Eu quero dormir. Aleijado filho da puta. Manquitolá do inferno! Me carrega, não me arrasta! (Acorda agitado.) Isso não é assim. Não é assim! Não é assim! Não é assim! Não é assim que se resolve. Você nasce com dois pés esquerdos. É muito mais do que isso. Muito mais! Muito mais! Muito mais! Ser manco, um cachorro manco como eu, um vira-lata, um puto, um índio, um preto manco, é destino, é sina. É conversa direta lá com Ele. Aí é com Ele. Aí é com Ele. Agora sim, agora sim. Vamos lá, vamos lá.

God! God! God! Fale com este seu dog! God, fale com este seu dog! Agora sim. Agora sim. Vamo lá, vamo lá...
(Respira fundo.)

Com licença, um minuto de sua atenção. Um minuto de sua atenção! Eu só preciso de... um minuto de sua atenção. Eu só preciso de um minuto, pra mudar a sua vida. Eu poderia estar... mordendo, atacando, mijando, fudendo, ou até dormindo aqui na sua frente, mas não, eu preferi ter, apenas, um minuto de sua atenção. Isso pra mim já basta. Já basta. Pra mim já basta. E depois que você escutar toda a minha história, se você quiser me dar um pouco de... ração, um prato de comida, uma pequena doação em dinheiro, ou até mesmo uma noite, uma noite, apenas uma noite dormindo com um teto sobre minha cabeça... Eternamente fiel. Promessa. Ração por minha narração. Ração por minha narração. Minha língua não é morta. Minha língua não é morta!
(Abana o rabo. Sai do microfone, fala com a platéia.)

Se eu entrar por uma noite, eu não saio nunca mais. Isso, eu, garanto. Garanto! Garanto! Garanto!

(Ri, balança mais o rabo.)

Agora sim, agora sim, vamo lá, vamo lá...

(Volta ao microfone.)

Um minuto de sua atenção! Eu só preciso de... um minuto de sua atenção. Eu só preciso de um minuto, pra mudar a sua vida. Ração por minha narração. Ração por minha narração. Eu... sou um legítimo descendente da mais alta linhagem de...

(Sai do microfone.)

Como assim, “qual é seu nome?”, “Se apresente de maneira decente”. Você tá querendo me derrubar? Tá querendo acabar com a minha noite? Você acha que me conhece? Você acha que, realmente, olhe bem pra mim minha senhora, você acha que realmente me conhece? O meu focinho é muito comum. Muito comum. Muito comum mesmo. Cara de cachorro magro. Cachorro de “igreja”. Todo mundo só lembra do incidente na igreja, o maluco da igreja, o cachorro da praça da Sé! Como assim, “qual é o seu nome?”, “qual é o seu nome”? Que pergunta mais inapropriada! A escolha do nome é o momento mais importante de todos! É o que une o cachorro e seu futuro dono. Eu não tenho nome! Eu tenho o nome que ele quiser, o nome que o filho dele escolher, o nome que Ele me deu! Eu já fui, eu já fui, eu já fui, eu já fui Argos, eu já THE CACHORRO MANCO SHOW fui Esmola, já fui Cabral, Antonio, Bidu, Bola, Biscoito, Bigode, Caracas, Cachorro, Caralho, Dado, Didi, Dedé, Mussum e Tião, Tom, Bandido e Cavallo. Táxi, Buraco e Malhado. Preto, Velho e Cansado.

(Pausa. Ataque de raiva.)

É tempo pra cachorro. É tempo pra cachorro! Um ano de vocês são oito do nosso. Oito do nosso. Vocês acham que a gente tá parado, a gente tá voando. O tempo aqui é completamente outro! E como o tempo não tem, nem pode ter, consistência alguma, e todas as coisas desde o seu princípio nasceram juntas com o tempo, por isso nem ele, nem elas, podem parar um momento, mas com perpétuo moto, e revolução insuperável, passar, e ir passando sempre! O tempo e todas as coisas. Passar e ir passando sempre! O tempo e todas as coisas. Passar e ir passando sempre. Sempre! Sempre! Sempre! Entendeeeeeeeeeeeuu?!

(Respira ofegante, como que se preparando para o ataque. Engole seco. Tenta se acalmar. Tenta controlar a raiva. Fecha os olhos. Murmura cantarolando o Fado Hilário. Sorri lentamente.)

Um minuto. Apenas um minuto.

(Pausa. Recomeça na mesma cadência.)

Eu só preciso de um minuto de sua atenção. Eu só preciso de um minuto, pra mudar a sua vida. Eu poderia estar... mordendo, atacando, mijando, fudendo, ou até dormindo aqui na sua frente, mas não, eu preferi ter, apenas, um minuto de sua atenção. Isso pra mim já basta. E depois que você escutar a minha história, se você quiser me dar um pouco de ração, um prato de comida, uma pequena doação em dinheiro, ou até mesmo uma noite, uma noite, apenas uma noite dormindo com um teto sobre minha cabeça... Eternamente fiel. Promessa. Ração por minha narração. Minha língua não é morta. Eu... sou um legítimo descendente da mais alta linhagem de poodles portugueses. Essa é a minha história, o meu sermão, um stand-up comedy de um cachorro – e olha que, para

um manco como eu, fazer comédia, em duas patas, é um grande desafio, é quase uma provocação. Eu fico melhor de quatro. Vocês não acham? O meu lugar é sentado, não? Resumindo: essas são as histórias e outras histórias de um cachorro manco, os sermões de um cachorro luso-brasileiro.

(Dá uma volta inteira pelo palco. Sentido horário. Quando retorna ao microfone, dá três pequenas voltinhas e, quando vai cochilar, recomeça.)

Não, não, não vão embora ainda! Uma mulher e um casal querendo ir embora! Mas, eu não contei a melhor parte. Tenho certeza que vocês irão gostar agora! Eu, eu, eu, eu já passei nesta vida por todo tipo de humilhação possível. É isso! Todo tipo de humilhação possível! Foi horrível, você não quer escutar? Quer? Quer mesmo? Eu, eu apanhei, eu pus roupinha, sapatinho, bandana, chapeuzinho, eu fui a pet shop, eu fui a veterinário, eu tive dono bicha, eu tive que aprender a mijar agachado, eu tive unhas lixadas toda semana, eu tive unha francesinha! E o meu pêlo então? Vocês têm certeza que não querem saber do meu pêlo? Eu descolori, colori, fui loiro, eu fui castanho, eu fui malhado, eu fiz chapinha, escova, babylise, permanente, já fiquei parecido com a Cindy Crawford num comercial de xampu, já fiquei parecido com a Naomi num comercial de perucas, já fiquei parecido com a Xuxa em um comercial de leite de aveia. Queimaram minha pele aqui na região da cabeça! Isso não é engraçado? E por favor, não fale em Madonna. Você gosta de Madonna? Papa don't preach! Vaca! Cada vez que essa funkeira mudou de look, eu também dei uma mudada. Eu aceitava me renovar, por Ele, sempre.

(Sai do microfone.)

Oh, minha querida, você tá querendo acabar com a minha noite? Primeiro pergunta meu nome, depois ameaça ir embora e quase leva com vocês dois casais, e agora quer saber onde eu nasci, quantos anos eu tenho e há quanto tempo eu dou esses meus sermões? Onde eu nasci, quantos anos eu tenho e há quanto tempo eu dou esses meus sermões? Minha querida, eu estou querendo entrar na casa de alguém. Se não vai ser na sua, se você não está apaixonada e encantada comigo e com meu sermão, e não pretende me acolher dentro de seu lar, por favor cale-se.

(Pausa.)

Fique quieta no seu lugar. Com sua grande bunda sentada na poltrona. Ou eu vou até aí e lhe dou uma dentada. Uma dentada no meio desse seu nariz gordo. Eu acabei de falar sobre o tempo. Uma passagem linda. O tempo e todas as coisas. Passar e ir passando sempre! O tempo e todas as coisas. Passar e ir passando sempre! (Volta ao microfone.) Gente grossa, insensível. Casca grossa. A senhora é descendente de português ou italiano? Mama polenta. Mama polenta, vou tentar recomeçar. Posso? A senhora permite? Vamos fazer assim, vamos fazer um trato. Agora, um trato, um acordo, uma combinação. Combinado? A cada pedaço da minha história que você escutar, é um passo que eu dou na minha caminhada até dentro da sua casa. Um pedaço, um passo, uma mancada. Combinado? Um pedaço, um passo, uma mancada. Posso recomeçar Mama Polenta? Um minuto de sua atenção! Eu só preciso de... um minuto de sua atenção. Eu só preciso de um minuto, pra mudar a sua vida. Ração por minha narração. Ração por minha narração. Eu... sou um legítimo descendente da mais alta linhagem de Poodles Portugueses. Eu nasci fugindo. Fugindo! Em Portugal. De Portugal. Para Portugal. Sempre. Assim que eu bati no chão, ainda de olho fechado, naquela garagem daquele

grande terreno baldio, veio um servente com uma vassoura e deu uma paulada na barriga da minha mãe. Paulada na minha mãe, paulada na minha mãe! Ele não queria sujeira ali. Sem sujeira! Sem sujeira! Minha mãe saiu correndo de lá, mas já deixou pra trás uns quatro irmãozinhos meus que saíram todos despedaçados, que Deus os tenha. Meus irmãozinhos, despedaçados. Polenta de placenta. Polenta de placenta!

(Sai do microfone, ataque de raiva.)

Lógico que eu não me lembro dessa história, sua retardada. A cadela da minha mãe me contou tudo. (Volta ao microfone.) Ela morreu duas semanas depois. Com três filhotes dentro da barriga. Ela não queria que meus irmãozinhos saíssem de casa. Eles tinham um Lar. Um Lar barra Berçário barra Cemitério. Daquele dia em diante eu fugi. Eu fugi. Eu nasci fugindo. Fugindo! Em Portugal. De Portugal. Para Portugal. Sempre. Entrei em um grande navio e fui parar em uma ilha. Uma grande ilha. Eu fujo dessa vassourada, dessa vassourada que te pega meio de lado, aqui no lombo, até hoje. Quando Ulisses, meu primeiro dono, retornou pra casa, fui eu, Argos – Argos era meu nome naquela época – fui eu, Argos, que o reconheceu. É lógico que eu sabia que era ele. Quando o rei de Ítaca aportou na ilha disfarçado, me fingi de morto. Quando ele finalmente voltou, me fingi de morto. Vocês sabem esse pedaço da história. Aliás o que mais me irrita nessa história é o fato de todo mundo só falar da vaca da Penélope. Que esperou o marido por anos, costurando e descosturando, costurando e descosturando aquela rendinha ridícula, por anos! Eu agüentei Penélope em TPM enquanto Ulisses não voltava! Por anos! Eu dormi no pé daquela cama. Eu vi tudo. Por anos! Desde lá eu vejo tudo. Eu cheiro tudo. E pelo cheiro, eu lembro. Pelo cheiro eu lembro. Nada me enoja mais do que o cheiro da rendinha da

Penélope. No dia D, eu estava coberto de carrapatos. No meio do lixo, num monte de estrume de mulas e bois. Quando o Rei de Ítaca aportou lá na ilha, disfarçado, eu o reconheci. Tentei me controlar, mas ao sentir o cheiro de Ulisses – como explicar pra vocês de nariz tão debilitado – ao sentir o cheiro de Ulisses, meu primeiro dono, meu homem original, eu, eu, eu, eu, eu conheci Deus.

Eu conheci Deus. Conheci Deus. Deus! Deus! Um Deus incontestável, tangível, irrecusável e definitivo. Meu... dono. Meu senhor, meu rei, me mestre, meu amigo. Meu dono. E pra ele, o melhor de mim. E pra ele, eu me dou, acima de mim mesmo. Será que algum dia vocês irão compreender a fineza do meu amor? E do amor dos meus donos por mim? Vocês com seus casamentos de dois meses, dois anos... Ridículos. Rídiculos! E continuam falando de sustentabilidade! Hipócritas! Argos! No dia D, eu estava coberto de carrapatos! No meio do lixo, num monte de estrume de mulas e bois. Quando o Rei de Ítaca aportou lá na ilha, disfarçado, eu o reconheci.

Estávamos, lá, eu e Ulisses, poucos metros de distância um do outro. Se ele escondia de sua própria família a sua identidade, quem era eu pra revelar a verdade? Eu tentei Ulisses! Eu tentei! Eu juro que eu tentei. Te deixar invisível. Era um segredo nosso, só nosso, eu tentei, meu mestre. Era mais forte do que eu! Mais forte do que eu! São hábitos ancestrais milenares! Um cachorro ao ver seu dono, abaixa a orelha e abana o rabo, e foi só isso que eu fiz. Abanei o rabo! Fechei o olho, mas o rabo eu não agüentei! Abanei o rabo quando te reconheci.

Reconhecimento! Reconhecimento! Reconhecimento!

(Abanando o rabo, feliz.)

performance de gestos limpos, movimentos delicados, voz controlada, com texto articulado em uma linguagem apropriada a um cachorro manco, velho e sujo como eu. Ele uiva, late, gane, odeia e se espanta. E, para não ser confundido com os que se julgam perfeitos, manca.

Non! O pior dos vira-latas, saltimbanco, a mistura da mistura. Non! Nem excluído nem incluído. O cão, ele é o cão, empestado e pulgento. Non! O cão. Ele, o cão. O cão. O cão é língua, nariz e pau. O cão! Non! Non! Non! Uma terrível palavra, que sempre é serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno consigo, sempre amarga, sempre é feio, sempre é de ferro.

Palavra terrível. Palavra estranha. Pa, lavra. A pá... lavra. A pá... lavra. Entenderam? A pá – lavra. Essa é ótima, a pá – lavra. O mundo se chama mundo porque é imundo, Portugal se chama Lusitânia porque a ninguém deixa luzir, Faltavam-lhe poucas letras a Adão para ladrão, e ao fruto para o furto não lhe faltava nenhuma. O Cão, o bom ladrão.

(Pausa. Sorri, como se fizesse uma piada em um show.

Trilha: som de prato de bateria.)

Muito obrigado.

(Agradece e sai do microfone.)

Mama Polenta, acabei a primeira parte, você ficou até agora. Na minha caminhada, dou o primeiro passo. Um pedaço, um passo, uma mancada. Combinado? Lembra? Já estou com o focinho dentro de sua casa. Já sinto o cheiro de suas intimidades. (Fareja.) A senhora, heim? Quem diria! Mais dois passos, e nessa dialética do manco, eu estou dentro de sua casa.

(Ri com o rabo.)

Agora sim , agora sim, vamo lá, vamo lá!

(Volta ao microfone.)

Eu já fui, eu já fui, eu já fui, eu já fui Argos, eu já fui Esmola, já fui Cabral, Antonio, Bidu, Bola, Biscoito, Bigode, Caracas, Cachorro, Caralho, Dado, Didi, Dedé, Mussum e Tião, Tom, Bandido e Cavalo. Táxi, Buraco e Malhado. Preto, Velho e Cansado. Um minuto, apenas um minuto de sua atenção. Eu só preciso de um minuto, pra mudar a sua vida. Ração por minha narração. Ração por minha narração. Eu... sou um legítimo descendente da mais alta linhagem de Poodles Portugueses. Eu nasci fugindo. Eu saí de Portugal rumo ao Novo Mundo, como cachorro clandestino numa caravela nojenta, em uma viagem deli-ci-osa, onde vomitei apenas umas trezentos e cinqüenta vezes, mais ou menos.

Meu primeiro naufrágio! O primeiro naufrágio a gente nunca esquece. Naquela época eu ainda não era manco. E pensar que tantas vezes eu faria essa viagem Portugal – Brasil, Brasil–Portugal, e, em quase todas elas, um naufrágio. Minha vida tem sido esse eterno naufrágio, esse eterno retorno, dessa primeira caravela. A caravela que transportava uma verdadeira população, em direção a São Salvador da Baía no Brasil, balançava descontroladamente na violência do mar salgado. Lágrimas, muitas lágrimas. As condições eram péssimas. Mal se dormia, tal a quantidade de parasitas de todo o gênero que estavam ali. O barco estava infestado. Era rato, cachorro, puta, ladrão, nobre, rei, padre, tudo no mesmo barco. Os ratos disputam corridas barulhentas, enfiando-se nos espaços mais íntimos. A água doce já estava

imprópria pro consumo, saía verde e com cheiro de urubu. Urubus, que aliás não paravam de rodear a embarcação. Parecia um sinal. Um sinal do céu. O peixe, em salmoura, e as carnes salgadas com que todos se alimentam estão prestes a apodrecer. Quase diariamente, a caravela é abalada pela movimentação dos marinheiros e das velas, tentando escapar à perseguição dos piratas holandeses. Não há a menor privacidade: passageiros, tripulação e animais de toda espécie amontoam-se em qualquer espaço disponível. E a viagem foi longa, mais ou menos dois meses. Dois meses só vendo o mar. Nada, senão o mar. Nada, senão o mar. Numa noite, o capitão, manco, avisou que no dia seguinte a gente já avistaria a costa do Brasil. Eu nunca imaginei que um cachorro como eu pudesse ficar tão feliz por estar chegando ao Brasil. A chegada, minha primeira mancada.

Na manhã seguinte, acordei cedo e corri pra proa. De costas ouvi o capitão, manco, chegando. Toc ploc toc ploc. Que som fantástico. O vento assoviando e o manco chegando. Eu realmente estava perto do céu. “Em menino, eu sonhava ter uma perna mais curta – só pra poder andar torto. Eu via o velho capitão, torto e deserto... toc ploc toc ploc. Ele era um destaque. Se eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo haveria de olhar pra mim: lá vai o menino torto subindo a ladeira do beco, toc ploc toc ploc. Eu seria um destaque.

“Meu Deus. Meu Deus, se eu fosse manco... Olhei o Brasil. Não achei tão grande assim. Brasil! Brasil! Brasil! Estamos nos aproximando do Brasil! Quem poderia imaginar? Estamos nos aproximando do Brasil! E rápido! Muito rápido! Rápido demais! Senhor Capitão! Senhor Capitão! Senhor Capitão! Me escute, estamos nos aproximando rápido demais! Senhor capitão, eu

estou avisando! Senhor Capitão! Senhor Capitão! Seu manco! Seu manco! Seu manco filho da puta, preste atenção! O Brasil é essa ilhinha, esse banco de areia? Gritei, gritei mesmo! Queria avisar! Amigo. O melhor amigo. Você acha que é fácil ser o melhor amigo do homem? Uma coisa eu aprendi. Uma pessoa manca nunca gosta que chamem sua atenção na frente dos outros... Especialmente em relação ao próprio fato em si, o fato de ser manco. Capitão manco ficou puto! Ficou puto! Batia o toquinho no chão, com ritmo! Que nem uma espanhola bêbada! Toc ploc ploc! Toc ploc ploc! Toc ploc ploc! Veio vindo rapidinho, rapidinho! Até que o manco era rápido quando precisava! Eu latia e gritava tanto que o filho da puta do capitão manco, passou a perninha de madeira por baixo da minha barriga e me atirou no porão do barco.

Eu caí em cima de uns corpos que eu não sabia se tavam mortos ou dormindo. Pelo cheiro e pela quantidade de ratos que passavam por ali, estavam mortos. Os primeiros brasileiros. Não deu nem tempo do capitão virar as costas. O navio entrou de frente no Brasil. O primeiro naufrágio a gente nunca esquece. A desunião num edifício é ruína, num navio é naufrágio, num exército é derrota, num corpo separado da alma é cadáver; e os mais fortes muros dos Estados não são os de pedras ligadas, mas os de corações unidos.

Banco de areiaaaaaaaaaaaaaaa! Banco de areia, homens ao mar! – gritou um marinheiro portuga assustado. O barco afundando e os homens nadando! O barco afundando e os homens nadando! A água começou a entrar, aquela gentalha começou a levantar, eu olhei pro lado e vi o capitão manco caído no chão, no canto. Lambi a cara dele com toda a força que eu tinha. Ele tinha que acordar!

Tinha que levantar! Um barco sem capitão é um navio fantasma. Ninguém teria a menor chance sem um capitão! O que eu achei que era o Brasil era um banco de areia no meio do oceano. O Brasil começava afundando, e trazendo todo mundo junto.

Ulisses, Colombo, Cabral, navegar é preciso, me ajudem pelo amor de Deus! Não tem Argos, não tem rendinha da Penélope, não tem ovo de Colombo, não tem quem descobriu o Brasil, tem é um medo do caralho! Caralhos te fodam! Caralhos te fodam! Ulisses, Colombo, Cabral, navegar é preciso, viver também! Eu mirei na escadinha. Já que nada mais tinha jeito, eu tinha que sobreviver, eu tinha que sair dali debaixo. Mirei na escadinha. Aquele não era meu lugar, eu não ia morrer dentro de uma caravela. Eu não ia morrer dentro de um navio fantasma português rumo ao Brasil!

Na hora que eu consegui chegar na beira da escadinha, pra subir de volta, eu senti uma fígada, aqui na perna esquerda. Era o capitão manco. Ele tinha acordado, tinha levantado e estava pisando na minha pata, com a perna de pau! O capitão, com a perna de pau e olho de vidro, pisando na minha pata. Justo na minha? Parece que falava: “não achou bonito ser manco?” “Não queria ser manco?” “Quem mandou me salvar?”

(Implorando.) – Mentira, meu Deus, eu quero ser normal, eu quero ser perfeito, pelo amor de Deus, não me deixa morrer aqui, eu tô aqui em seu nome, me deixa chegar no Brasil!

(Narra.) – O mar revolta-se, os passageiros choram e gritam, o capitão dá ordens, nos porões os homens procuram detectar algum rombo. A caravela está encalhada no banco de areia e vai adornando para estibordo. Pensa-se no pior. Nessa hora sempre se

pensa no pior. Na minha vez, vai afundar, bem na minha vez vai afundar! Tanto barco pra afundar, tanta gente podre pra morrer e justo na minha vez vai afundar! Tanto corrupto, tanta bicha, tanto ladrão, tanta puta! Poxa, logo eu! Parece que um bote vai descer. Apenas um bote vai conseguir descer. Já começa aquele clima, quem vai, quem fica. As mulheres com cara de pena. As crianças com cara de vida inteira pela frente. Mas quem manda no barco são os homens. Português é um povo casca grossa. Ninguém é império respeitando vontade de mulherzinha. Descem dez marinheiros e tentam desencalhar o barco. Eu subo na proa. Como é difícil me locomover agora que sou manco.

Capitão filho da puta! Eu vou me salvar! Ah, vou me salvar! Vou me jogar no bote. Vou mirar bem no meio e vou me jogar no bote. Vou me jogar no bote salva-vida e vou descer lá no Brasil, sequinho, sem nem me molhar! Vou chegar bonito na praia! Pode ir preparando a caipirinha que eu tô chegando! Eu é que não vou afundar junto desse monte de puta, bandido e escravo! Eu é que não vou morrer aqui com esse capitão de olho-de-vidro e perna-de-pau! Subi na proa, dei três mancadinhas, e fui! Me joguei na direção do bote salva-vida. Manco na águaaaaa! Manco na água! (Pausa.) Ninguém se mexeu. Nem o capitão, nem um escravo, um padre, uma criança, uma mulher, ninguém tentou me salvar. Poxa, eu passo mais de dois meses ali, com a galera, e na hora que eu mais preciso, nada. Ninguém? Isso dói. Machuca.

Eu mergulhava, nadando com minha patinha recém-deficiente, recém-adquirida, com muita dificuldade, subia só para pegar um pouco de ar. Eu afundava, via areia e água, subia, via o céu e uma floresta verde. Respirava. Mergulhava. Depois de algum tempo eu não sabia se eu tava no mar, no céu ou na floresta. Ficou tudo

misturado. Isso tudo é Brasil. É areia, é céu e é floresta verde. É água e é morte. É ar e é mar. Água e morte. Já tava anunciado. Já tava tudo anunciado. Só não viu quem não quis! Só não viu quem não quis!

Horas depois, quase desmaiado de tanto cansaço, eu senti que no fundo, no fundo, eu estava afundando. Eu já sentia a água batendo na bunda e já sentia a areia, no fundo, lá no fundo. Será que no fundo eu tava afundando de verdade?

Foi então que, de repente, não mais do que de repente, veio uma onda gigante e me levou até a praia. Eu tava na crista da onda. Graças ao meu bom Deus. Eu, lá em cima!

Teeeeeeeerra a vista! Teeeeeeeerra a vista! Terra na vista, na boca, no nariz, no ouvido. Eu rolei na areia, deitei na praia e pela primeira vez na minha vida percebi que já tava pronto pra morrer. (Pausa. Respira.) Eu sabia que não ia ser uma boa idéia vir pra essa terra em que se plantando tudo dá. Não sou japonês. Eu não sou agricultor. Nem como vegetais. Não quero plantar nada. Dessa terra não quero nem o pó! E é pó que essa terra toda vai virar. É o que há de ser! É o que há de ser! O homem, em qualquer estado que esteja, é certo que foi pó e há de tornar a ser pó. Foi pó e há de se tornar pó ? Logo é pó. Porque tudo o que vive nesta vida não é o que é, é o que foi, é o que há de ser. É o que há de ser! Tava deitado na areia, em um sol de quarenta graus e, apenas, queria morrer. Não queria plantar nada. Não era japonês, já falei. Nesse exato momento, fui recolhido por um bondoso senhor, que me jogou dentro de uma caixa, uma pequena caixa, e me deixou ao sol, secando depois de tanto mar.

Piedade de um cachorro manco! Piedade de um cachorro manco, bondoso senhor! Como fazia sol. Ao fundo, avistei o primeiro índio de minha vida. Naquela época, os índios ainda andavam pelados, não tinham esses shortinhos de tacetel e nem jogavam futebol. Naquela época, índio era índio. Preto era preto, e escravo, e Português era Português. Cada um, cada um. Não era esse ramerame de hoje em dia. Nação pardalenta. Gente feia, suja, sem cultura. Vira-latas! Vira-latas! Vira-latas!

Piedade de um cachorro manco! O bondoso senhor me colocou dentro de uma caixa de madeira e me levou ao que parecia ser uma espécie de praça central daquela cidadezinha. Me deixou secando, depois de tanto mar. Quando eu ali cheguei, percebi que não estava sozinho.

Eu fiquei ao lado de uma fila de negros enormes, fortes, todos acorrentados, pelas mãos e pelos pés. Atrás deles, algumas mulheres, grávidas e alguns pretinhos – baby slaves, escravinhos, escravos mirins. Um branco, bem apessoado, europeu passou, olhou os homens um a um, dente a dente, músculo a músculo. Nem chegou a olhar pra dentro da caixinha de madeira.

“Quanto você quer por esse?” E o negro ali, sério. O bondoso senhor, aquele que tinha me acolhido quando eu tomei um caldo no mar e fiquei com vontade de morrer ali na areia, lembra? Aquele! Então aquele bondoso senhor falou que o escravo valia quinze contos de réis. O homem recuou. Era um belo escravo, mas não valia tanto. Ficou com o de dez, que era mais magrinho, mas tinha a canela fina, trabalhador. Além do quê, esse negro forte tinha cara de encenqueiro. Ia dar problema. Negócio fechado, negro embrulhado pra presente, obrigado

volte sempre senhor europeu. Os melhores negros do mercado você encontra só aqui!

Nessa pequena transação eu tive uma das mais valiosas lições da minha vida. Se eu queria ser levado por alguém, se eu queria conseguir logo uma casa e um dono brasileiro, eu ia ter que ser mais bonito que o negão gigante, mais forte que o escravo da canela fina e muito mais esperto que esse índios pelados que se trocavam por espelhos e bugigangas. Eu ia ter que me virar. E, acima de tudo, eu tinha que falar a língua deles. Vocês, Português. Mim, latim. Vocês Português, Mim Latim. A língua.

Se é trabalho ouvir a língua que não entendeis, quanto maior trabalho será haver de entender a língua que não ouvis? O primeiro trabalho é ouvi-la; o segundo, percebê-la; o terceiro, reduzi-la a gramática e a preceitos; o quarto, estudá-la; o quinto – e não o menor, e que obrigou a São Jerônimo a limar os dentes – pronunciá-la. Mas haver de comer os livros folha a folha, haver de levar as ciências bocado a bocado, e às vezes com muito fastio, haver de mastigar as línguas nome por nome, verbo por verbo, sílaba por sílaba, e ainda letra por letra, por certo que é coisa muito dura e muito desabrida, e muito para amargar, e que só o muito amor de Deus a pode fazer doce. Mastigar as línguas nome por nome. Vocês, Português. Mim, Latim. Hoje percebo que esse foi um dos meus primeiros sermões.

Um minuto, apenas um minuto: o segundo escravo foi vendido. Sobravam cinco, mais quatro mulheres e aquela criançada preta. Ninguém tinha nem olhado na caixinha. Eu tinha que fazer alguma coisa. Não ia ficar ali com essa negrada. Comecei a chorar. Gani, chorei, gritei, o mais forte que eu podia. Pensei que

alguém ia se comover e ia me levar pra casa, ou pelo menos me dar um prato de comida. Emoção, drama.

Eu olhava pra frente na esperança de ser levado por um europeu bondoso, por um brasileiro abonado, por uma criança príncipe. O primeiro que veio, veio por trás, foi um filho de escravo, acorrentado só com uma cordinha, de coleira de corda. Veio todo carinhoso e me pegou no colo. Pode?

(Ataque de raiva.)

Negrinho filho da puta, me põe no chão! Me põe no chão agora! Eu não quero acabar em uma senzala! Se alguém branco me vê no seu colo, não vai me querer nunca mais! Vai que isso pega! Eu já tenho uma mancha preta no meu focinho! Não quero mais nada preto na minha vida!

Uivei como se o negrinho me matasse. Não podia morder a cara dele! Tinham crianças brancas por perto. Eu teria mordido, eu juro! Mordia! Mordia! Mordia! O bondoso senhor, aquele bondoso senhor da caixinha de madeira, dono dos negros gigantes da Praça Central, deu uma chibatada só. Nas costas do negrinho. Chicotada certa, seca. Aquela que estala naquela pele brilhante. O negrinho gritou de dor e me jogou pra cima. Sabia que não podia confiar nele. Eu dei duas piruetas no ar e achei que ia cair de pé no Brasil.

Triste engano, eu caí de cabeça no Brasil. Com muita dor, percebi que aquele era o momento que eu estava esperando. Eu estava fora da caixinha. Fora da caixinha! Tinha alguns segundos da atenção daquelas pessoas ali em volta. E tinha uma caminhada.

Apenas uma caminhada. Mancando. Fiz uma cara de dor, e fui! Me arrastei, na direção das crianças brancas. Mancando. Mas sem chorar. Um destaque. “Olha um cachorro!” “Qual?” “Aquele, manco.” “Olha o cachorro manco!” Era isso. Eu estava no caminho certo. “Nossa que horror, que coisa mais feia! E a perninha coxa, que aflição! Quem vai querer isso?” Percebi que não ia ser tão fácil quanto eu imaginava. Melodrama nem sempre funciona. Melhor com mulheres. Bom lembrar. Bom lembrar. Drama. Mulheres. O bondoso senhor, aquele, me pegou no colo, me levantou na direção do sol e falou: quem levar dois escravos, leva também, de brinde, de graça, por um oferecimento da corte portuguesa, esse lindo, lindo não, brincalhão, filhote de poodle português!

Brinde? Tenho cara de brinde de escravo? Promoção? Leve três pague dois? Brincalhão?

Respirei fundo, olhei bem na cara do bondoso senhor e dei aquela mijada. Ahhhhhhhhhhhhh. Agora sim, agora sim, vamos lá, vamos lá. O meu xixi foi escorrendo pela cara e pelo suvaco do português, do bondoso senhor, que me atirou e fez uma cesta de três pontos comigo na caixinha de madeira. Eu estava de volta na caixinha. Algumas pessoas riram da cara dele. Outros da minha. Risada, gostei disso. Bom lembrar. Pessoas gostam de dar risada. Bom lembrar. Comédia. O dia já tava quase acabando, o bondoso senhor começava a recolher os escravos que sobraram, eu já me perguntava: e eu, e eu, vou pra onde? Onde eu vou passar essa noite? Meu Deus, me ajude! Meu Deus, me dê uma luz! Faça alguma coisa por esse seu filho! Mentira, meu Deus, eu quero ser

normal, eu quero ser perfeito, pelo amor de Deus, não me deixa morrer aqui, eu tô aqui em seu nome, me deixa viver no Brasil!

“Eu só tenho três contos de réis, mas eu posso ver o filhote?” Aquela voz parecia a voz de um anjo. O chamado de Deus. Mais uma vez. Eu olhei pra cima e vi os cachinhos do menino, balançando no contra-luz. Bondoso senhor sorriu. “O que é que há com ele?” Bondoso senhor parou de sorrir. “É manco! Vai sempre mancar e vai sempre andar devagar.” Filho da puta. Tá querendo me vender ou não? Agora vai tentar ser honesto? Olhei bem no fundo dos olhos do menininho, agora só dependia de mim, olhei bem no fundo dos doces olhos do anjo, um anjo, um verdadeiro anjo, olhei fundo nos olhos do anjinho, e dei uma ganida triste, profunda, seguida de um ronco grave da minha barriga vazia. Uuuuuuuuuui. Ronc! É um dom que eu sempre tive. Ronco a barriga quando bem entendo. Sempre vazia. Na dúvida, sempre vazia.

O menino olhou sério, na direção do bondoso senhor, e disse: “Muito bem. Esse é o cachorrinho que eu quero comprar!” “Você realmente vai querer comprar esse cachorrinho? Olha, se você realmente quiser ficar com ele, eu lhe dou de presente! Me deixa os três contos de réis e tá tudo certo.” O menino ficou chateado. “Eu não quero que você o dê para mim. Esse cachorrinho vale tanto quanto qualquer um dos seus escravos, e eu vou pagar tudo que tenho por ele! Na verdade, eu lhe dou três contos de réis agora, e cinquenta centavos por mês, até completar o preço total dele.

“Mas ele nunca vai poder correr, pular e brincar com você e com os outros cachorrinhos!” Naquele mesmo instante, o menino

abaixou-se e puxou a perna esquerda da calça para cima, mostrando a sua perna com um aparelho para andar.

“Bom, eu também não corro muito bem e o cachorrinho vai precisar de alguém que entenda isso.” O menino deixou três contos de réis na mão do bondoso senhor. Pelo menos eu tinha onde dormir e ia de caixinha na carona do manquinho. Adeus bondoso senhor, eu espero que a faca de um desses escravos encontre esse seu coração gelado. Eu espero que o senhor morra e queime no inferno. Bora manquinho, vamo! Vá mancando pra casa! Manquitola já é hora, vamo! “Senhor?” Esse era o manquinho. O que é que esse manquinho queria com o bondoso senhor? Eu já tinha praguejado, já tínhamos dispensado o personagem, ele já não fazia mais parte de nossa história, vamos adiante, vamos adiante.

“Senhor, eu vou lhe mostrar que o meu cachorrinho é muito bravo, muito forte e muito valente.” O quê? Muito bravo, muito forte e muito valente? Não sou! Não sou! Sou preguiçoso, sou nobre português! Sou medroso! Me cago, me cago todo! Ai, como faz calor nessa terra que Deus esqueceu!

O Aleijado me jogou no chão, me amarrou com uma cordinha no pescoço, olhou fundo no meu olho, sorriu – sim ele sorriu – e disse: “Agora, nós vamos correr como nós nunca corremos antes nas nossas vidas!” Manquitola filho da puta! Ele não pode estar falando sério! Tava. Respirou fundo e arrancou. Senti aquele gancho no pescoço. Era sério. O menino corria como se tivesse fugindo da própria morte, da própria história, do próprio fato de ser manco. E até que para um aleijado ele corria bem rápido.

Me explica uma coisa, uma coisa simples, o que é que eu e o bondoso senhor temos a ver com isso? Se você tá na sua onda Forrest Gump, se resolveu resolver toda sua jornada interior em três blocos, problema seu! Me carrega, não me arrasta! Tem a caixinha pra isso!

O manquinho correu por três quadras de paralelepípedo, me arrastando por uma cordinha que me sufocava o pescoço. A minha pata esquerda, minha pobre pata esquerda, que ainda estava inteira, ficou em carne viva. Eu acho que eu perdi um pedaço da minha pata esquerda naquelas três ruas de pedra. A dialética do manco. Quando a gente parou, eu estava roxo, sem ar, sangrando na pata que ainda era boa, recém-mutilado, coxo das duas pernas. O menino tinha um sorriso na cara. Olhou fundo nos meus olhos e disse: Davi, vou te chamar de Davi. Nome de judeu ainda! Só isso que me faltava! O manquitola continuou, como se me desse uma aula engraçada: “Golias deve ter achado muito estranho um rapaz, nem mesmo armado, vir lutar com ele. As armas de Davi eram da parte de seu Deus e isso dava-lhe confiança da vitória! Apressando-se Davi pegou uma pedra e atirou com a funda e ela penetrou a testa de Golias. Não deve ter lhe matado instantaneamente porque a Bíblia diz que quando Golias caiu com a face por terra, Davi apressou-se, pegou a espada de Golias e entregou-lhe a morte 'definitivamente' cortando sua cabeça.” Davi, eu vou te chamar de Davi.

Entro na casa do garoto, vamos para o quarto. E me abraçou e me beijou e me alimentou e cuidou de minha pata. Assim como ele, eu era manco. Assim como ele, eu iria continuar vivendo. Se a gente pode chamar essa existência pesada de vida, eu tinha, novamente, uma razão para existir. Meu dono, meu manco.

(Dá uma volta inteira pelo palco. Sentido horário. Respira fundo. Está dentro de casa de novo.)

Mama Polenta, acabei a segunda parte, você ficou até agora. Combinado não é caro. Nunca imaginou que tão cedo já teria um cachorro dentro de sua casa, não é mesmo? Na minha caminhada, dou o segundo passo. Um pedaço, um passo, uma mancada. Combinado? Lembra? Já estou com o focinho dentro de sua casa. Já sinto o cheiro de suas intimidades. Hoje, entrei na sala e comi dentro da cozinha. Está tão frio lá fora. Será que eu poderia passar, só essa primeira noite, dormindo aqui dentro? Esse seu quintal é tão úmido. Meus frágeis ossos doem de frio. Vamos combinar assim, eu continuo com a minha história. Se você quiser ouvir o próximo pedaço, me deixa dormir aqui dentro. Combinado?

Uma coisa não perguntei... (Olha para os lados, com calma. Pensa.) foi a senhora mesma que decorou? Foi? Escolheu tudo, tudo, tudo? Preparou tudo tudinho, todas as cores? Misturou elas? E depois colocou todos esses acessórios? Cada vasinho? Cada santinho? Cada elefantinho? Quanto bom gosto, bondosa senhora. Quem diria que aquela Mama Polenta mal-humorada do começo do meu sermão, lá no início de tudo, aquela mulher amarga iria se transformar nessa bondosa senhora, loira, de tanto bom gosto! Você vê... o cachorro na vida de uma pessoa. É amor, é amor fino. Sempre achei rococó chique. Excesso. Barroco. A senhora é mineira? Tive um dono mineiro. Muito quieto, quase gago. Ele era super! Mama Polenta, a senhora acredita que as coisas caem do céu? Esse meu dono, mineiro, muito quieto, quase gago, o super, também não acreditava. A vida mostrou pra ele.

Lobo era meu nome naquela época. É o lobo! É o lobo! As coisas começaram a cair do céu! Eu preciso falar uma coisa pra senhora: as coisas caem do céu, Mama Polenta! A gente só precisa escolher o caminho que vai trilhar. Cada um com a sua caminhada. E se você vai aceitar aquilo que te mandaram. Se Deus mandou, é porque a gente merece. Isso que meu dono respondeu, quando acharam ele. Quando acharam ele, a mochila, a cueca. Todo o dinheiro e a porra se misturam em agosto. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Quando vocês virem um político, se vocês virem um político por aí, virem as costas. Mas antes, cusпам no chão, de nojo. Não o cumprimente, dêem o seu desprezo. É o lobo! É o lobo!

(Trilha profética. Uma mochila vermelha bem velha desce do teto, pendurada, até bem perto do chão. O Homem a pega. Abre a mochila, tira uma embalagem de plástico de refrigerante.

Ela está cortada e parece uma tigela.

O homem retira uma garrafa de pinga sem rótulo e enche sua tigela. Deixa a mochila e a garrafa perto do microfone. Segurando a tigela, bebe como um cachorro, apenas com a língua.)

Agosto... é o mês do cachorro louco. O meu dono, mineiro, muito quieto, quase gago, morreu em agosto. O super. Achou uma mochila, acho até que foi essa mesma, um pouco mais nova, com quase dez milhões de dólares dentro. Como cabia? Não me pergunte como cabia! A senhora não cabe dentro da sua calça? Então, tudo é possível para aqueles que têm fé no coração! O simples fato de a senhora caminhar é um desafio à lei da

gravidade, minha senhora! E a senhora continua andando! “Como cabia?”, essa é boa. A senhora só acredita naquilo que a senhora pode ver? A senhora não tem fé, Mama Polenta. É por isso que as coisas não caem do céu para a senhora.

Morreu em agosto. Não é dizer que era sortudo. Ele aprendeu a falar. Era sortudo. Ninguém ganha na loteria tantas vezes se não for supersortudo. Mas, aprendeu a falar. Aprendeu o poder da palavra. A senhora tá achando engraçado eu, um cachorro, falar isso? Engraçado é a senhora de biquíni, minha senhora. E quando ele aprendeu a falar, e falou, e abriu a boca e falou, com um microfone na mão, a vida dele mudou. Mas em agosto, depois de achar uma mochila, acho que foi até essa mesma, uma mochila com mais de dez milhões de dólares, em notas não seqüenciadas, ele foi preso e, morreu. Eu não estava mais com ele nessa época. Pulei fora antes. Não ia ficar nesse navio fantasma!

Agosto, o mês do cachorro louco. Em agosto, Getúlio Vargas se suicidou, Jânio Quadros renunciou, Juscelino Kubitschek morreu em um acidente de carro estranhíssimo e em agosto a CPI do PC incriminou o Collor. Sempre achei agosto estranho. Então, meu dono, esse mineiro, que aprendeu a falar, e falou, e abriu a boca e falou, com um microfone na mão, e morreu em agosto, que eu sempre achei muito estranho, tinha uma barraca de hot dog na Universidade de São Paulo, na USP. Ele que inventou esses hot dogs com tudo dentro. Milho, ervilha, purê de batata. Quando ele colocou a batata palha e o cheddar, bombou a Topic. A mulher dele não saía da chapa. E ele não saía do balcão. Mudou o nome para Super Hot Dog. Sempre gostou de tudo que era super. Super Gel, supermercado, superhomem, supergás, superprodução, tudo era

super pra ele. São Paulo era supergrande, a vida era superdifícil, a salsicha supercara.

Um dia uma menina superbonitinha, passou por ele, com uma mochila superparecida com essa, um pouco mais nova, talvez. Eu dormia, no canto, perto do trailer. Ela era filha de um superfilhoda-puta que tinha sido prefeito de cidade do interior umas três vezes já. E eu, lá, no canto. Nessa época, ele não acreditava que as coisas caem do céu, e nem percebeu a chegada dessa mochila abençoada! Desde que eu vi essa mochila vermelha chegando na minha direção, eu comecei a sentir uma coisa estranha, uma coisa que eu nunca havia sentido antes.

Eu vou contar a história – a minha verdadeira história – para a senhora: Eu podia ter sido fantástico, eu poderia ter sido um cachorro manco incrível, mas, como explicar para vocês de moral tão antiquada, com seus narizinhos, com suas carreirinhas, seus tirinhos, seus trabalhinhos, suas macumbinhas, suas simpatias... Quanta simpatia, corrente, pensamento positivo. The Secret. Ora, por favor! Seus, seus, seus macaquinhos! Seus macaquinhos! Seus macaquinhos! Macaquinhos! Como explicar? Eu tive a oportunidade, tive! Tive! Eu podia ter sido um bom cachorro. Mas não. Um bom ladrão. Mas não. Eu tinha dois caminhos. Eu escolhi o caminho da floresta. É o lobo! É o lobo! É o lobo! Então eu vou gritar, e gritar até esse muro derrubar! E depois eu vou entrar e vou comer a velha! A mochila vermelha tava comigo. Isso que era importante. O resto é resto. E não há pressa. O tempo aqui é completamente outro. Não era assim? Desde que eu vi essa mochila vermelha perto daquela barraquinha de Super Hot Dog...

(Fareja.)

Eu lembro! Eu lembro de tudo! Pelo cheiro! Ela, filha do Rei, no balcão da barraca, e ela, a mochila vermelha, ali, cobrindo exatamente a palavra hot. Hot – quente na língua inglesa...

Olha lá, Mama Polenta dando risada! Adorou hot, quente na língua inglesa! Que coisa ridícula! Adora tudo que é de fora! Tudo! Tudo! Tudo! Macaquinhos! Seus macaquinhos! Seus macaquinhos! Tava certo Nelson Rodrigues! Tava certo Nelson! Tava certo Nelson! Complexo de vira-lata! Complexo de vira-lata! Síndrome do cachorro manco! Síndrome, bela palavra, bela palavra! Sim, Sim, sim, sim. Dro-me.

(Fala-me em inglês.) Me! Me! Me! Mim, latim
You, Portuguese! Mim, latim! You, Portuguese!
(Sai do microfone.)

Ah? Como assim não tá entendendo nada? Poxa essa é a hora, que eu dou aquela pirada, relaxo um pouco. Já é o fim da minha história. Perdida? A senhora está perdida? Como explicar pra vocês de narizinhos tão debilitados?! Como explicar? Eu... podia ter sido um bom cachorro. Mas não. Eu escolhi o caminho da floresta. Não entendeu ainda? A mochila! A mochila! A única falha que um cachorro não pode ter é ser infiel. É a antifé. Um cachorro é de seu dono.

Até o fim. Até o fim. No meu caso até o fim dos meus donos.
Eu não fico em navio fantasma, eu não vou naufragar de novo!
(Fazendo drama.)

– Oh meu Deus! Será que eu sou uma espécie de maldição? Uma espécie de cachorro highlander? Um exemplo de sustentabilidade?

(Sai do microfone.)

Palavra gasta! Palavra velha! Sustentabilidade! Cada vez que eu escuto essa palavra eu tenho vontade de engolir um saco plástico! Eu gosto de deitar na merda! Na lama! Vocês acham engraçado? Acham engraçado cheiro ruim! Cheiro ruim? Que cheiro você acha que tem o seu suor? A quantidade de merda que você come. Cheiro de gordura! Cheiro de gordura! Gordura trans. Gordura trans! Gordura trans! Vocês deitam com merda toda noite e acham que são felizes!

(Olha sério, pausa.)

– Mama Polenta, a senhora quer que eu saia? A senhora quer que eu saia? A senhora quer que eu saia? A senhora não pode estar falando sério! Quer que eu saia? Me mata! Corta minha cabeça com a faca da cozinha! Vai, enfia uma faca no meu coração! Enfia uma faca no meu coração! Ele gritava isso sempre! Sempre! Olha só: Daqui, eu não saio. Não saio! Não saio!

Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! Não saio! Me dá vinte reais! Vinte reais! Pra eu poder ir pra casa, pelo menos. Eu achei que você era legal! Pô, a gente tava conversando! Tomando uma cerveja. Comemos um lanche. Eu não quero te machucar! Eu não quero acabar com a sua vida em apenas uma dentada! Você esqueceu que eu sou uma maldição? Uma espécie de doença? Um complexo. Uma síndrome. Eu sou contagioso, cuidado! Cuidado, eu, uma doença, eu, várias doenças. Eu sim! Eu sim! Eu sim! Eu complexo, eu síndrome! Uma dentada. Uma dentada! Eu só preciso de uma

dentada pra destruir a sua vida! Em apenas uma dentada eu destruo esse seu nariz de batata assada! Te derrubo na escada. Passo correndo do seu lado e quando você menos perceber quebrou o pescoço. Sabe aquela gang de poodles ou de yorkshires, agora eu não sei ao certo, aqueles que mataram uma velha no Rio de Janeiro?

Meus amigos. Meus alunos. Sua velha gorda! Uma dentada. Eu preciso apenas de uma dentada pra destruir a sua vida! Como assim? Você honestamente está me perguntando se eu estou te ameaçando? Você falou que não estava entendendo! A história é clara! Eu repito pra você! Eu repito! Repito! Repito! Repito!

Eu, poderia ter sido um bom cachorro! Mas não! Fui infiel! Que jogue a primeira pedra Mama Polenta! (Fareja.) Já sinto o cheiro de todas suas intimidades! Te conheço inteira, minha nega! Inteira já! Sei de todos, poucos, mas sei de todos, poucos! Poucos! Todos os poucos homens que passaram por aqui! Vamos começar a falar em infidelidade? Em falha de fé? Em falha de retórica? Daqui a pouco você vai me dizer que quer falar em caráter também? Em falha de caráter? Em falha trágica?

Eu poderia ter sido um bom cachorro! Mas não! Eu preferi ter a mochila! Será que você não entende? É tudo sobre essa mochila! Aquele momento! A barraquinha de cachorro quente! A menina no balcão, a mochila nas costas dela! Na frente da palavra hot. Chovia. Eu deitado ali perto, olhando aquilo tudo meio de lado. Eu ali, deitado perto de uma poça. Sempre sobrava um pedaço de pão ou uma salsicha. Chovia muito, eu já te disse? Eu podia estar cochilando mas não! É tudo sobre isso! É tudo sobre isso! Eu podia ter sido um bom cachorro! Mas não! Eu olhei para a poça, e

nesse exato momento, nesse exato momento... eu posso sentir o cheiro até hoje. Nessa exato momento, com aquele cheiro de salsicha, cheddar, purê de batata, vinagrete e batata palha em cima, por favor, obrigado, volte sempre, eu olhei para a poça e vi.

Reflexo. O céu, nublado, no lugar do chão. A menina de ponta cabeça, apoiada no balcão. A mochila vermelha apontando pro céu e a palavra. No início, era o caos. E no sétimo dia veio o verbo. A palavra. A menina de ponta-cabeça, apoiada no balcão. A mochila vermelha apontando pro céu e a palavra: God. Eu... posso falar que eu li Deus. A palavra, Super God. God! God! God! Eu entendi! Eu entendi! Entendi tudo! Naquele exato momento eu entendi. Naquele exato momento eu preferi ter a mochila. Em um movimento rápido e certo, avancei nela por trás. Direto no pescoço. Lobo não! Lobo não! Eu sabia que eu ia ter que fazer esses dois se aproximarem se eu quisesse essa mochila. Eu ia ter que fazer eles se conhecerem, pra, depois, eu poder ter aquela mochila. Eu podia ter sido melhor, mas não! Entre a menina invertida, reflexo, e a sua mochila apontando pro céu, entre a mochila e God, eu... escolhi a... mochila.

Fui, andando bem devagar, chovia muito, fui andando bem devagar e dei uma dentada nela. No pescoço. Eu não queria terminar aqui! Não quero virar salsicha de chinês! Não quero virar salsicha de chinês! Eu não posso ficar em navio fantasma!

O idiota do meu superdono veio correndo. As salsichas queimavam. A menina caía lentamente, na poça. God tremeu. A mochila caiu, e de dentro caíram vários livros. A retórica de Aristóteles caiu na água. Eu peguei a mochila nos dentes e

chacoalhei pra tirar tudo de dentro! O resto é história. A mulher do meu dono... ficou ali, na chapa. Eles se conheceram. Meu dono e a menina superbonitinha se conheceram, se apaixonaram e eu agarrei aquela mochila e não larguei mais. Esse aqui é o Lobo! Ele é muito manso, nunca tinha atacado ninguém! Tadinho deve ter ficado com ciúmes! Depois que ela levantou, eu não apertei a mordida, só belisquei, meu dono pegou Aristóteles, o livro de retórica, pegou o Sermão da Sexagésima, olhou para a cara da menina, e entendeu alguma coisa. Eu latia, latia, latia! Ele tava certo! Tava certo! Esse é o caminho, essa é a sua caminhada!

No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, e a ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Ele tinha tudo. E aprendia rápido. Quando ele falou, e ele falou, quando ele aprendeu a falar, e falou, e abriu a boca e falou, com um microfone na mão, a vida dele mudou. O pai da superbonitinha adorou ele. Ele, que era um bom ladrão, e conhecia todos os outros bons ladrões, ele, um superfilho-da-puta que tinha sido prefeito de cidade do interior umas três vezes já, lançou a candidatura do meu dono. E quando ele subiu no palanque pela primeira vez, quando ele falou pela primeira vez, quando ele aprendeu a elaborar seu discurso! Ou foi então porque ninguém sabe pregar, ninguém sabe nem falar mais direito! Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empecado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afectado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também esta. O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Ele tinha um estilo natural. Tinha estilo natural. Fácil. Coisa de quem ficou no balcão muito tempo. No seu primeiro comício, na época ele era candidato a deputado acredito eu, no seu primeiro comício, ele fez

as mulheres chorarem, os homens chorarem, os cachorros chorarem, contando a história do vendedor de hot dogs que ia virar presidente. No auge do discurso dele, eu subi no palco, mancando e quando um segurança ia me chutar, ele se jogou na frente, levou um pequeno chute na cara e me abraçou. Nada armado, tudo acertado. Nada armado. O momento.

“Se eu for eleito, os cachorros magros e mancos terão sua vez. Promessa de quem já levou vida de cachorro.” Comoção geral. Drama, quando bem-feito, bom com mulheres e homens. Ele se elegeu, usando a retórica dos fracos e dos oprimidos. Muita gente se identifica. A idéia de que pobre tem uma relação especial com o amor e com a fé.

Precisam mais, não é mesmo? O meu dono, que era gago, e mineiro, se casou com a menina superbonitinha, se elegeu deputado, depois prefeito, e virou um fantoche do pai dela. Toda semana chegava a mesada dela e dele, dentro da mochila vermelha. Ela foi se tornando uma vaca, usando vestidos mais cafonas e mais caros e ele se envolveu na máfia da merenda infantil. “Cada criança dessa cidade terá direito ao seu cachorro-quente. “Nesse momento, ele escolheu o caminho errado. Decidiu que não precisava mais da mochila vermelha e que não precisava dividir os lucros da merenda com o pai da superbonitinha. Sua carreira política estava acabada. Sem o apoio do velho nada mais funcionava como ele imaginava. A vida não era discurso bem estruturado, eleição não se ganha assim. Política é acordo de tubarão. De corruptos. Não tem nada a ver com cachorro pequeno. Coisa de oprimido é coisa de igreja. A mochila não vinha mais. O casamento acabou. Meu dono virou pastor, achou que ia ganhar muito mais dinheiro. Eu fui com ele. Levei a mochila nos

denes. Não podia ficar sem ela, a essa altura do campeonato. Ele disse que ia acabar com um programa de TV. Em seu primeiro culto, em sua primeira igreja, me fez entrar mancando e gritou: Levante seu cachorro manco, levante e caminhe!

Eu olhei pra frente e fui. Larguei minhas muletas e tentei andar como uma pessoa normal. Naquele momento eu tinha fé. Caí de cara no chão. Levantei e caí. Levantei e caí. Levantei e caí. E nessa caminhada, nessa dialética do manco, nessa retórica do amor e dos oprimidos, eu despertei a fé, eu ajudei várias pessoas a descobrirem Deus e seu poder de criador. Eu percebi que também podia ser um pregador. Um minuto, apenas uma dentada, e eu posso mudar sua vida. Posso despertar o amor e posso destruir tudo que construí com a outra pata. Eu poderia estar roubando, mordendo, dormindo, mas não. Já fiz esse sermão na frente de escolas, igrejas, templos, escritórios, no Brasil, em Assumpcion no Paraguai, em Calcutá, em Bariloche, no Porto, no Amazonas. A casa está queimando! A casa está queimando. E todo mundo está achando a maior graça. Por que eu faço esse sermão? Por que eu peço pra passar uma noite dentro da casa de alguém?

Na primeira vez que eu comecei a falar e pedir e contar a minha história, eu percebi que eu tinha um dom. Eu comecei meio que por acaso e fui possuído. Uma ligação especial com Ele. Se meu futuro dono se sente mais próximo, mais perto, mais semelhante a Ele... Aaahhhhhhhhhhhhhhh... Perfeição. Eternamente fiel. Ração por minha narração. Minha língua não é morta!

Mentira! Mentira! Mentira! Retórica falida!
Língua podre, língua morta!

Eu faço porque eu posso. Eu faço porque funciona. Dá certo. Às vezes dá certo. Quanto melhor estruturado o meu sermão, mais rápido eu durmo embaixo de um teto! Retórica, pra mim, é questão de sobrevivência!

A primeira igreja de Miami foi aberta. Depois de quase dois anos nesse bate-volta, meu dono foi pego. Falaram que ele levava mais de dez milhões de dólares em uma mochila vermelha, assim muito parecida com essa aqui. Ninguém sabe quem mandou a mochila pra ele. Eu ainda acho que foi Deus Pai todo poderoso. Ele foi julgado, inocentado e preso dois meses depois. Como, por quê? Acharam mais de dez mil dólares em pó, dentro da bíblia dele. O meu dono, aquele mineirinho, gago, que quase não falava e que pegou um microfone na mão e falou, e depois que ele falou, tudo começou a mudar, tinha ido de político a pastor e de pastor a traficante. Pó na bíblia! Pó na bíblia! Moisés ficou ligadão, na pilha! Salvar meu povo! Salvar meu povo! Conduzir meu povo pela Terra Prometida! Salvar meu povo! Era um fardo muito pesado. Eu não estava pronto. Não estava pronto para ir pra cadeia. Eu já estava de saída. Eu já estava acabando mesmo. Nem gostei tanto de sua casa. Sofá horrroso. Esse tecido vagabundo faz minha pele coçar.

Tudo bem! Tudo bem! A senhora pode ficar tranqüila. Não precisa chamar a polícia. Não precisa gritar! Eu sei quando eu não sou querido em algum lugar. Eu rezo para que a senhora nunca precise passar uma noite na rua. Que a senhora nunca passe frio. Adeus, Mama Polenta. Eu realmente te amei. Te amei e isso foi real pra cachorro. Te amei como há muito tempo nunca havia amado ninguém. O que eu mais gostei foi daquela vez que a senhora

deitou de saia e abriu bem as pernas. E eu lambi, bem devagar. A senhora lembra, bondosa senhora? Não há nada de que se envergonhar. Todo mundo quer ser tocado por alguém. A minha língua é áspera e quente, não, minha senhora? (Lambe microfone.) Hum, que delícia. Ai, que cheiro prazeroso. Que mulher porca a senhora. Mas eu vou conseguir esquecer desse pedaço da história. Eu vou conseguir esquecer de tudo. O segundo remédio do amor é a ausência. O terceiro, a ingratidão. Meu amor é fino. O amor fino não busca causa nem fruto.

(Dá uma volta no palco. Sentido anti-horário. Está na rua de novo. Quando chega ao mesmo lugar dá uma voltinha e cochila. Acorda, sereno, pesado. Mais humano do que nunca)

Miseráveis de nós, e miseráveis dos nossos tempos! O pior de ir morar na rua... é o sono. Dormir. Talvez morrer. Você sente quando o lugar é perigoso. Eu durmo com a carteira em baixo da minha cabeça, pra ninguém me roubar enquanto eu durmo. Nenhum documento de identificação. Você sente. Tá dormindo e tem aquela intuição que algo ruim vai acontecer com você. Você dorme com medo. Não dorme. Cochila meia hora, quarenta minutos. Já levei dois chutes na cabeça. Depois de um tempo morando na rua, você não sabe mais se tá dormindo ou se tá acordado. Uma vida não podia ser, assim, tão, tão cachorra. Só pode ser sonho. Nem um cachorro merece passar por isso. A gente cochila, na esperança não de dormir. A gente cochila, querendo morrer.

A senhora nunca me perguntou de meu pai. Nem se eu tive filhos. Te digo mesmo assim. Não conheci meu pai, e não tive

filhos. Não transmiti a ninguém o legado de minha miséria. Nem sei se posso acreditar que eu tive um pai um dia. Nem sei se posso acreditar em qualquer coisa de verdade. Acredito em mim. Acredito que ainda estou aqui. Não sei quando vou conseguir morrer. Eu quero que meu caixão tenha uma forma bizarra. A forma de um coração, a forma de uma guitarra.

O meu último dono... morreu. Na rua. Abandonado por todos. Negado, rejeitado, desconhecido. Sem raça determinada. Sem nenhum documento. Não era um mendigo por opção, como falavam por aí. Era um formado em Letras, na USP, estudante da língua portuguesa, essa língua morta, ingrata, que conversa com tantos e ainda assim com tão poucos. Lia todos os livros que conseguia e acontecesse o que acontecesse, dividia toda e qualquer comida que conseguisse comigo.

Metade pro cachorro, metade pra mim, não tem história.
Metade pro cachorro, metade pra mim, não tem história.
Metade pro cachorro, metade pra mim, não tem história.

Estava escrevendo uma história. A história do futuro. O pé esquerdo estava sobre a terra e o direito sobre o mar. Prometeu dizer as coisas que estão por vir e, portanto, apresentar uma nova e nunca vista história. Portugal será o assunto, Portugal, o centro, Portugal, o teatro, Portugal, o princípio e fim destas maravilhas; Portugal no passado foi vencido, no presente é ressuscitado e no futuro será glorioso. Depois de São Matheus, São Marcos, São Lucas e São João, ele seria como o quinto evangelista, cuja missão é terminar o trabalho iniciado pela vinda de Cristo à Terra... Nunca terminou essa história do futuro. Não era viado. Não era passivo!

De boite gostava de ir lá no centro, na Dungeon, ouvir aquela música: touch me, touch me, I can get too... satisfaction. Gosto de tudo isso. Gosto de gente de rua. Não da rua.

Lembro como se fosse hoje. Lembro do cheiro de vela, do cheiro da Igreja da Sé. Esmola era meu nome naquela época. “Mata eu, São Paulo! Eu não quero morrer de fome!” A gente não comia há dois dias e ele tava ficando louco. Andava sempre com um cavaquinho e era conhecido como Pagode. Um dia, eu me lembro como se fosse ontem, a cidade de São Paulo comemorava quatrocentos e cinquenta quatro anos, missa lotada na Catedral da Sé. Tava todo mundo lá. O prefeito, o Ministro do Trabalho, os escravos, as putas, os bandidos, os portugueses, os macaquinhos, todo mundo! A gente não comia há dois dias, e ele resolveu entrar na igreja. Ia dar um jeito. Dizem que estava embriagado. Exagero.

Um homem não pode dar um gole na sua bebida? Um gole, não posso? Eu não ia matar ninguém. Só queria comer alguma coisa. Só queria falar com Deus. Entrei pelo corredor, mancando, bêbado, tinha certeza que essa ia ser minha última grande caminhada. Tirei uma faca de cozinha do bolso e enfiei em um professor que tentou me segurar. Eu já tava perto do altar e gritei pro meu pai ouvir: Mata eu, São Paulo, eu não quero morrer de fome!

(Dá uma facada no ar. Sem nada na mão. Pára por alguns instantes. Reflete, triste.)

Saudades de casa. Saudades de meu pai. Saudades de Portugal. Nunca mais pude voltar pra minha terrinha. Eu sempre soube.

Soube de tudo. Minha vida, uma mancada. Minha vida, esse eterno naufrágio. Só pó. Só, pó. O tempo e todas as coisas, passar e ir passando sempre. Pra que Pai? Por quê Pai? Por que tudo isso? Eu sou apenas um vira-lata, luso-brasileiro, um cachorro vagabundo, índio negro, mameluco maluco, mestiço, sem raça determinada, sem nome, sem casa, e sem dono. Um problema de cão. Um problema de cão. Eu e minha caminhada. Eu, minha mancada.

Olhe: um cachorro. Qual cachorro? Um cachorro manco.

Agora sim, agora sim, vamo lá, vamo lá, vamo lá, vamo lá.

(Tira um cavaquinho de dentro de sua mochila. Dá o primeiro acorde. Canta bem baixinho o Fado Hilário, de Augusto Hilário.)

A minha capa velhinha
É da cor da noite escura,
A minha capa velhinha
É da cor da noite escura,
Nela quero amortilhar-me,
Quando for p'ra sepultura.
Nela quero amortilhar-me, ai!...
Quando for p'ra sepultura.
A minha capa ondulante
Feita de negro tecido,
Não é capa de estudante, ai!...
É mortalha de vencido.
Eu quero que o meu caixão
Tenha uma forma bizarra,
A forma de um coração, ai!...
A forma de uma guitarra.

(Guarda o cavaquinho na mochila. Dá meia-volta no palco, e se direciona ao outro lado.)

Obrigado. Estamos, quase, no fim. Com licença, com sua licença, belo senhor, um minuto de sua atenção. Um minuto de sua atenção! Eu só preciso de... um minuto de sua atenção. Eu só preciso de um minuto, pra mudar a sua vida. Eu poderia estar... mordendo, atacando, mijando, fudendo, ou até dormindo aqui na sua frente, mas não, eu preferi ter apenas... um minuto de sua atenção. Isso pra mim já basta. Já basta. Pra mim já basta. E depois que você escutar toda a minha história, se você quiser me dar um pouco de... ração, um prato de comida, uma pequena doação em dinheiro, ou até mesmo uma noite, uma noite, apenas uma noite dormindo com um teto sobre minha cabeça... Eternamente fiel. Promessa. Ração por minha narração. Ração por minha narração. Minha língua não é morta. Minha língua não é morta!

(A luz cai lentamente, enquanto ele recomeça, olhando para o próximo lado. Black out.)

FIM

Este livro foi produzido em Lisboa
pelo Instituto Camões
e impresso na Gráfica Expansão - Artes Gráficas, Lda.